

APRESENTAÇÃO

É com imenso entusiasmo que publicamos o primeiro número da décima-oitava edição da revista *Scripta Uniandrade*, cujo primeiro texto, intitulado “Uma universidade do futuro sem humanidades?”, proferido em forma de palestra por Hans Ulrich Gumbrecht durante o *XI Seminário de Pesquisa da Uniandrade* (2019), versa sobre o que o ilustre professor e pensador considera uma função específica a ser desempenhada pelas humanidades, qual seja a instauração do pensamento de risco. Em seguida, inspirado por Wilhelm von Humboldt, o autor explicita que se trata de um pensamento capaz de gerar perguntas em oposição a respostas, com o intuito de produzir visões de mundo alternativas em vez de alimentar aquelas já existentes, haja vista que o pensamento de risco favorece a renovação e evita a estagnação.

A seguir, apresentamos doze estudos reunidos sob o eixo temático “Questões de identidade cultural nas literaturas de língua portuguesa”, escritos por pesquisadores da área, os quais apresentam importantes reflexões sobre um dos tópicos mais controversos e debatidos na contemporaneidade, pois vivenciamos, no século XXI, o ápice da globalização, fato que dificulta cada vez mais encontrarmos padrões identitários fixos ou homogêneos. Sigmunt Bauman (2005) nos diz que em um mundo onde predomina o global e os valores tornam-se cada vez mais “líquidos”, o problema das identidades culturais necessita ser recolocado em uma dimensão que exige a renovação dos parâmetros de avaliação utilizados anteriormente.

No artigo de abertura da seção temática, intitulado “Sob o sol da liberdade: estética e identidade do artista na contracultura brasileira”, Marcelo Fernando de Lima e Patrícia Marcondes de Barros mostram que, no terreno da estética, a contracultura deu origem a um projeto que rompeu com as hierarquias, estabelecendo uma relação direta entre arte, vida cotidiana e ação política. A seguir, os autores discutem a identidade do artista no período da contracultura, a partir de três segmentos distintos: no primeiro, apontam as raízes históricas da contracultura; no segundo, examinam o projeto estético do movimento; e no terceiro, investigam a identidade do artista brasileiro.

Em “Construção identitária e romance de formação em *Azul corvo*, de Adriana Lisboa”, Helena Bonito Couto Pereira discorre sobre a instabilidade e a desterritorialização que assolam as sociedades no mundo globalizado, tomando como estudo de caso a narradora-protagonista do romance *Azul corvo*, a qual relata sua transição, da infância em Copacabana, no Rio de Janeiro, à adolescência e início da vida adulta em Lakewood, no Colorado (EUA). A autora ressalta que a narrativa, a qual mobiliza temas como a constituição da identidade e a migração, se constrói como atualização paródica de um subgênero narrativo de longa tradição, o *Bildungsroman*, ou romance de formação, conferindo, assim, ao romance de Lisboa a marca da inovação entre a tradição e a contemporaneidade. Na sequência, o ensaio intitulado “A escrita como processo de subjetivação feminina: uma leitura de *O voo da guará vermelha* (2005), de Maria Valéria Rezende”, de Ana Maria Soares Zukoski e Lúcia Osana Zoli, apresenta uma análise do romance mencionado, no qual as palavras, orais e escritas, desempenham um importante papel na vida da protagonista Irene que, por conta da marginalização de sua profissão, tem suas identidades restritas ao estigma de prostituta. A escrita é utilizada pela personagem como mecanismo de subjetivação feminina em sua tentativa de reconstruir as identidades que melhor a representam. A crítica literária feminista, a literatura de autoria feminina e os estudos culturais iluminam as reflexões das autoras, principalmente as perspectivas teóricas de Touraine (2010); Rago (2013); Seligmann-Silva (2013); Bhabha (2014), entre outros/as.

As estratégias narrativas utilizadas para a formação da narrativa de pertencimento étnico, no romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao* (2007), são discutidas por Dionei Mathias, no artigo “Percepções étnicas e o corpo em Junot Díaz”. Após uma discussão teórica em torno do conceito de etnicidade desenvolvido por Burgess e Eller, o artigo busca entender o papel do corpo no processo de construção de uma narrativa de grupo étnico, com foco no protagonista Oscar Wao. Por outro lado, em “Sentimentos avulsos em *Terra avulsa*, de Altair Martins”, Edcleberton de Andrade Modesto e Ricardo Araújo Barbarena objetivam desenvolver uma nova epistemologia para a gramática afetiva, considerando, para tanto, alguns aspectos da representação do sujeito contemporâneo através de Pedro Vicente, personagem principal do romance *Terra avulsa* (2014), envolto num complexo emaranhado particularizado por sua necessidade de exílio e distanciamento social e afetivo. Os autores estabelecem um diálogo entre literatura e psicanálise à luz de contribuições teóricas de Zigmunt Bauman (1998/2009), Luis Carlos Restrepo (1998), Maria Rita Kehl (2015) e Sandra Edler (2018).

O artigo de Cinthia Maritz dos Santos Ferraz Machado e Lucimara de Andrade, “A identidade cultural e a ideia de deslocamento pela perspectiva da viagem: um estudo comparativo entre *Macunaíma* e *A jangada de pedra*”,

compara as obras de Mário de Andrade e José Saramago sob a ótica da “experiência de viagem”. A “viagem”, tomada pela perspectiva de Álvaro Manuel Machado (1988), revela-se um importante elemento para o estudo da identidade e do sujeito por elencar uma série de problemas literários, históricos e culturais que permitem ao investigador realizar um levantamento de questões culturais nas literaturas de língua portuguesa. Ainda na linha do comparativismo, o artigo “Identidades transnacionais e multiterritoriais em *O retorno e Também os brancos sabem dançar*”, escrito por Adriano Carlos Moura, é uma investigação sobre a identidade individual e nacional na literatura do “Espaço Lusófono”, com ênfase em Portugal e Angola, utilizando como *corpus* os romances mencionados no título: o primeiro da escritora portuguesa Dulce Maria Cardoso, e o segundo do autor angolano Kalaf Epalanga. A abordagem ancora-se, teoricamente, nos conceitos de território, desterritorialização e reterritorialização, de Rogério Haesbaert, e no devir postulado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, para sustentar a hipótese de que os trânsitos espaciais e simbólicos aos quais angolanos e portugueses foram submetidos contribuíram para a constituição de identidades multiterritoriais, devires identitários e uma literatura transnacional.

Alguns poemas do escritor português Fernando Pessoa são objeto de leitura crítica de Maria Clara Costa Pereira em “Nas trilhas do nevoeiro: literatura, memória e identidade na coletânea de poemas *Mensagem*”. A autora assevera que obra é um produto cultural carregado de referências na construção de uma história comum, conseqüentemente, uma identidade que abarca um passado rememorado e glorificado, assim como aponta caminhos, projetos desejosos, para com o grupo pátrio. Outrossim, em “Quantas Marias há na lírica de Maria Teresa Horta: uma questão de performance”, Natália Salomé Poubel e Vinícius Carvalho Pereira, partem do pressuposto de que a leitura literária de poemas escritos por mulheres, assim autoidentificadas, pode ser realizada dentro do viés da crítica literária feminista. Nesse sentido, as autoras denominam a voz que emana dos poemas de Horta de *eu lírica* (POUBEL, 2020), explicitando tratar-se de uma entidade feminina que enuncia os poemas de mulheres dentro do *continuum* lésbico (RICH, 2010) e do *continuum* feminino.

A partir da noção de sujeito lírico de Dominique Combe (2009-2010) e da de homoerotismo de José Carlos Barcellos (2006), no artigo “:Ver é um ato político: – configurações do homoerotismo na lírica de Caio Fernando Abreu e Horácio Costa”, Michael Silva e Jamesson Buarque de Souza investigam como os poemas “Obsceno” da obra *Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu* (2012), e “Ayers Rock ou A ocupação política do cartão postal”, do livro *A hora e vez de Candy Darling* (2016), de Horácio Costa, abordam o tema do homoerotismo. Os autores concluem que a poesia de Caio Fernando Abreu apresenta uma subjetividade lírica homoerótica que pode ser entendida como

homossexual/homoafetiva, enquanto a de Horácio Costa instaura uma subjetividade lírica homoerótica que pode ser descrita como propriamente *gay*. Por outro lado, em “Poesia, identidade e nacionalismos: cruzamentos políticos e culturais nas obras de Noémia de Souza e de José Craveirinha”, com base na análise de configurações estéticas específicas dos autores objeto de estudo, Ubiratã Souza e Rejane Vecchia da Rocha e Silva afirmam que é possível perceber, na lírica de ambos, de que modo a literatura moçambicana expressa os cruzamentos entre as múltiplas identidades do território colonial e as mudanças de consciência política que levaram à emergência de nacionalismos independentistas.

As relações de identidade e a intolerância à diversidade de crença são investigadas por Douglas Ceccagno e Carina Monteiro Dias no ensaio “Se Santa Bárbara não estivesse de acordo, não tinha feito o milagre: identidades religiosas em *O pagador de promessas*, de Dias Gomes”. Os autores utilizam estudos sobre identidade e diferença, nas perspectivas de Bhabha (1997), Hall (2003; 2006) e Woodward (2000), como suporte para a análise dos inúmeros conflitos socioculturais que podem ser observados na obra, a destacar a intolerância e o autoritarismo da Igreja Católica frente às crenças do protagonista, que representa as práticas sociais tidas como populares.

A seção “Varia” é constituída por quatro artigos. No primeiro, intitulado “A literatura brasileira e o pensamento abissal”, Maria Perla de Araújo Morais e Marília Fátima de Oliveira refletem sobre como o paradigma mais acionado para entender a literatura brasileira está ligado à ideia de uma nação brasileira homogênea e sem fraturas no tecido social. A esse paradigma, no entanto, se contrapõe a leitura pós-colonial de textos literários, a qual procura captar as permanências de práticas e dinâmicas hegemônicas que explicariam as desigualdades abissais dentro de sociedades que passaram pelo processo de colonização. Para iluminar suas considerações teóricas, as autoras recorrem ao entendimento de Boaventura de Sousa Santos sobre a “ecologia dos saberes” e o pensamento abissal para advogar por uma literatura brasileira mais plural tanto em relação aos seus autores, quanto em relação às suas visões de mundo e sociedade. No segundo ensaio, “A *Utopia* de More como forma literária: estrutura compositiva e procedimentos retóricos”, Robson Silva Robson volta-se para a interpretação formal do livro do pensador renascentista. O autor assevera que na carta “Thomas More a Pieter Gillis”, que abre o livro, encontra-se uma “ars poetica” que serve de chave à interpretação formal do livro, o qual surge como um dispositivo que se desarma a si mesmo, como uma sucessão de molduras discursivas – da epistolografia ao tratadismo político, da etnologia à oratória – que se desmentem umas às outras.

No terceiro texto, “Estudo hodonímico do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis”, Marcelo Pacheco Soares afirma que esse conto, incluído na

última coletânea de Machado, publicada em 1906, quase duas décadas após a abolição da escravatura no Brasil, reflete as condições socioeconômicas do país no contexto anterior a esse fato. A trama desenvolve-se no Rio de Janeiro dos anos de 1860, quando a cidade, paisagem constante da obra machadiana, ainda era a capital do Império. O autor demonstra que Machado, a despeito de muitas afirmações contrárias, nunca abandonou a temática da negritude no Brasil em sua obra. Completando a seção, Altamir Botoso e Betania Vasconcelos da Cruz Fraga, autores do quarto artigo intitulado “Comentários sobre a tradução de contos da obra *Maridos*, de Ángeles Mastretta”, tecem comentários sobre a tradução inédita para o português de oito contos do livro da escritora mexicana, enfocando as dificuldades referentes às diferenças culturais e questões linguísticas a respeito de “mexicanismos”. A tarefa proposta foi realizada a partir de estudos teóricos e críticos de Rónai (1985), Freitas, Torres e Costa (2017), Paz (1971), Benjamin (1971), Atzori (2011), Torres (1998), Santos (2016), Zavaglia, Renard e Janczur (2015), Paganine (2013), Bigaton e Santos (2017), Barros (1997), Andrade (2013), N’Gana (2016) que lançam luz sobre a discussão envolvendo escolhas tradutórias.

Por fim, cumpre mencionar que à medida que nos deparamos com uma série de incertezas e inseguranças na contemporaneidade, nossas identidades sociais, culturais, religiosas e sexuais passam por processos de transformação contínuos, o que torna prementes e necessárias as investigações sobre as diferentes formas identitárias constantes desse número da revista, haja vista que oferecem ao público leitor a oportunidade de refletir sobre os padrões identitários múltiplos e maleáveis que caracterizam o nosso tempo.

As editoras